

ANTÓNIO DE SOUSA, PRESIDENTE DA APB

“É melhor reduzir a despesa sem Orçamento do que nada”

O representante da banca defende que mais importante que aprovar o Orçamento é reduzir a despesa. “É muito difícil trabalhar em duodécimos, mas não é impossível”, acredita

ENTREVISTA

MARIA JOÃO GAGO
SARA ANTUNES

O pacote de austeridade do Governo é suficiente se for “implementado logo que possível”, diz António de Sousa. Mas o regresso da banca ao mercado ainda vai demorar.

As medidas de austeridade anunciadas pelo Governo permitem desbloquear o financiamento da banca?

Espero que sim, embora vá demorar algum tempo. As medidas são necessárias, vão ter implicações económicas mais ou menos óbvias no crescimento da economia a curto prazo, podem é permitir que o crescimento da economia seja mais sólido a médio longo prazo. Mas não podemos passar a vida a viver do curto prazo e, infelizmente, vivemos há bastantes anos. Isso tem feito com que o crescimento económico na última década tenha sido muito baixo. Agora, é preciso que haja a concretização das medidas. E isso implica que existam as leis. As pessoas precisam de saber o que é [cada medida]. Enquanto isso não acontecer é difícil que os mercados se convençam que é mesmo assim.

São suficientes?

Depende de como são concretizadas. Quando foi anunciado o PEC II, em Maio, parecia-me que as medidas eram mais ou menos suficientes se houvesse os cortes na despesa na altura anunciados. O que se verificou foi que não vieram a acontecer. E pelos vistos, mesmo para o Orçamento de 2010, a situação era pior do que se esperava. Por isso, vai depender muito de como [as medidas agora anunciadas] forem concretizadas. Penso que as medidas de Maio poderiam ter sido suficientes.

Acredita mesmo que sim?

Talvez fossem precisos alguns ajustamentos. Mas poderiam ser suficientes. Entre as medidas anunciadas e as tomadas houve algumas modificações substanciais. O aumento do IRS era para o ano todo, e passou para metade. As SCUT eram para começar imediatamente, vão começar agora e outras [avançam] para o ano e com isenções. A receita é bastante inferior à estimada na altura. Havia outras medidas não especificadas, que valiam centenas de milhões de euros, que não chegaram a existir. E, por outro lado, a factura com juros aumentou muito. Se somar tudo, provavelmente podiam não ter sido completamente suficientes, mas teriam sido bastante suficientes se efectivamente todas tivessem sido implementadas. Foram umas centenas de milhões de euros que ou não foram cobradas ou vieram a ser gastas a mais, nomeadamente em juros.

Que lições se devem tirar para o Orçamento do Estado (OE) de 2011?

Uma vez definidas, as medidas têm de ser implementadas no tempo oportuno. Logo que possível. O que está definido é que as medidas entrem em vigor no início de Janeiro. Mas enquanto não se vir escrito, preto no branco, em Diário da República, o que vai acontecer, é difícil fazer contas. Cada mês que passa são dezenas ou centenas de milhões de euros em causa.

É fundamental a viabilização do OE?

Haver um OE é importante. Há sempre muitas maneiras de haver acordos. O que é fundamental é que algumas das medidas passem a lei, que sejam tomadas e aprovadas.

Se o OE não for viabilizado, mesmo com algumas medidas implementadas, não será um problema?

É sempre muito difícil trabalhar em duodécimos, mas não é impossível.

A aprovação do OE é fundamental para reduzir a despesa? Ou podem ser processos independentes?

Espero que não. Acho que será muito confuso, mas, no limite, é melhor do que nada.

E os mercados?

O melhor é o Orçamento ser aprovado e corresponder às medidas que foram apresentadas. Essa é a situação mais calma, mais pacífica, que toda a gente compreende e que não cria pontos de interrogação aos investidores internacionais. Tudo o resto são medidas paliativas, que não são as ideais. Mas teremos de viver com o mundo que for, desde que se atinjam os objectivos.

Este pacote é suficiente para recuperar a confiança dos mercados?

Se for implementado em tempo oportuno e como foi apresentado, acho que sim. Mas demora meses, porque as pessoas vão querer ver resultados.

Negócios

Saiba mais



Entrevista

Os desafios da banca

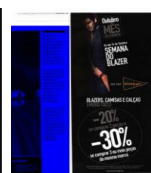
Na segunda-feira, leia na edição em papel e “online” a entrevista completa de António de Sousa.



“Se o acordo for assinado é bom p

As negociações entre a banca e o Governo para a transferência das responsabilidades futuras com pensões dos bancários para

a Segurança Social têm tido “uma evolução muito positiva”, adianta o presidente da Associação Portuguesa de



Sofia A. Henriques



As pessoas precisam de saber o que é [cada medida]. Enquanto isso não acontecer é difícil que os mercados se convençam que é mesmo assim.

Se [o pacote de austeridade] for implementado em tempo oportuno [será suficiente]. Mas demora meses, porque as pessoas vão querer ver resultados.

Haver um OE é importante. Há sempre muitas maneiras de haver acordos. O fundamental é que algumas das medidas passem a lei, que sejam tomadas e aprovadas.

ara todos”

Bancos (APB). Na opinião de António de Sousa, “se o acordo for assinado é bom para todos”, banca, bancários e Estado.

António de Sousa

“É melhor reduzir a despesa sem Orçamento do que nada”

António de Sousa considera que “é melhor reduzir a despesa sem Orçamento [aprovado] do que nada”, admitindo que o País possa viver em

regime de duodécimos em 2011. O presidente da associação de bancos diz que o regresso dos bancos aos mercados vai demorar. **Empresas 10**

